

para uma leitura de Seres de Rã

por Pompeu Miguel Martins

Carlos Vaz estreia-se no romance com um trabalho de fôlego, um texto caleidoscópico que nos preenche as emoções e possibilita uma reflexão mais demorada acerca de tentações e medos, de aspirações e desistências, sentimentos experimentadas pelos personagens deste enredo com inevitáveis ligações aos porquês de cada um de nós enquanto leitores.

«Seres de Rã» é uma ou muitas histórias sobre uma ou muitas personagens. Abre este livro com uma citação de Nietzsche, «Os grandes problemas, mesmo admitindo que se deixem alcançar, não se deixam apreender pelos débeis e pelos seres de sangue de rã». Fica assim equacionada a primeira provocação, a primeira ideia que caracteriza a forma como Jorge, escolhido psicólogo que aqui personifica uma certa ideia de ciência, se apropria e aprecia os humanos que o rodeiam.

Será este livro, pelo que se disse, um tratado acerca dos fracos que povoam a paisagem degenerada dos dias ou o lado revisitado das frustrações do mundo? Creio que não. Seria pouco entendê-lo assim, dessa forma. Esta obra tem no seu interior muito mais. Diria que, antes de tudo, é uma obra que questiona, que abre uma série de dúvidas e aponta respostas

num circular percurso onde assistimos a uma transformação mágica de sujeitos e de circunstâncias que se reformam e nos refazem no seu seio.

A primeira singularidade de Carlos Vaz neste texto deriva de uma opção formal extremamente clara: entra-se nos capítulos deste romance pelo que chamaria a particularidade 'bruta' dos personagens. Não temos exemplos de uma narrativa onde se equacione a hipótese clássica de «era uma vez...» ou «naqueles dias...» mas antes de aberturas carregadas e essenciais à caracterização dos personagens e da sua acção ao longo da história. O livro começa com a expressão: «Esta aragem!...» que assume não só um papel de centralidade em todas as histórias que são narradas, como ocupa uma fundamental e trágica presença na personagem Runa, mulher asmática e depressiva que se sujeita por conselho do seu companheiro, o psicólogo Jorge, a tratamentos por hipnose de regressão onde se confrontará com dimensões várias da sua própria existência com o fito de pôr cobro à doença.

Há, portanto, um indicar assumido de vocábulos extremamente localizados para abrir os capítulos e permitir ao leitor uma entrada, não só perceptível, mas intensificada dos mesmos.

No domínio das opções formais, o ritmo da narrativa é pensado e conseguido de modo a manter a coerência dos temas versados, como se de música se tratasse. Carlos Vaz teve o dom de propiciar a quem lê o embalo

profundo e lento de um certo tipo de abandono com a rápida e aflitiva tensão das crises de asma ou das representações que a estas se associam.

Também como na música, lembrando as partituras circulares do nosso contemporâneo Nelson de Quinhones, toda a matéria trabalhada não possui um fim à vista, dada a possibilidade de transfiguração dos capítulos à medida que se pode reler a história em camadas distintas, em olhares transformados do leitor que também ele muda na medida que retorna ao livro. «Seres de Rã» tem o virtuosismo da releitura, algo a que nos habituamos a encontrar essencialmente na poesia. Voltamos a ler e a pensar e a sentir diferente porque nos transformamos da primeira vez, o que nos leva uma recorrência, a tornar a obra mais nossa, mais da e sobre a nossa vida, para que nos apropriemos dela numa especificidade que nos acrescente à alma e conseqüentemente ao momento.

Como na poesia, encontramos neste livro uma cuidadosa e incansável escolha e premeditação da frase. Lemos a obra entregues ao segredo de uma exaustiva opção do autor pela polissemia não só da palavra mas também dos contextos, o que nos transporta a uma pluridimensionalidade das ideias afectas a cada personagem: uma sucessão de momentos intensos com a laboriosa opção de os ver sintetizados e intensificados frase a frase, da primeira à última página. Diria que estamos perante uma espécie de filigrana literária aplicada à escrita dos nossos dias.

As palavras transformam-se e comunicam ao longo da obra sendo detentoras de significados díspares ou de cargas distintas. Uma espécie de seres vivos que se modificam com o correr do tempo e com a intensidade das comunicações a que se sujeitam. A serpente viva no início do livro, mais tarde embalsamada, a seguir a demonstrar o serpentear do soldado ou o mover da erva nos bosques, ou, noutro caso, a árvore de JC, a árvore do general, a árvore de Runa, e tantos outros exemplos que constituem o sentido deste livro.

Quem são e quantas são as personagens de «Seres de Rã»? Surgem de imediato várias respostas: numa primeira hipótese, a asmática Runa, o seu pai José Carlos, ou JC, o seu companheiro Jorge e o psiquiatra. À segunda poderemos acrescentar o Pescador, o Soldado, Judas e o General. E ainda uma terceira onde se admitirá apenas uma personagem, o psicólogo Jorge a observar e observar-se nos múltiplos seres de rã que o circundam e lhe transmitem as diferentes dimensões do abismo e da vida. Lê-se na caracterização de Jorge: «Sentia-se um herói da sociedade, um salvador de almas perdidas, num frente a frente contra o inimigo numero um da sua profissão, a insanidade, os seres de rã - era assim que Jorge os denominava - seres vazios de acção, balões de ar com forma humana, sem uma única lufada de vento para se elevarem».

Temos várias histórias: histórias de morte e de perda, de interrupções

forçadas e inesperadas como a visão de Runa sobre o pescador que morre no mar; histórias de abandono como a de José Carlos, e que o autor passa a tratar por J.C. numa alusão a Cristo, ou na história errante de Judas (aliás, toda a obra tem um caris religioso intenso, não só no que toca à moralidade e intencionalidade das histórias, como à caracterização dos contextos e dos personagens) aos medos, à dúvida e ao desequilíbrio físico e emocional de Runa.

No plano da discussão metafísica salienta-se a discussão entre Fé e Ciência personificadas por JC e por Jorge e uma das melhores descrições acerca dessa face de Deus que deixa aos humanos a faculdade do livre arbítrio e que se afasta, desencontrando-se, da sua própria obra. É a história do General que se perde na floresta e que aos poucos vai perdendo os seus homens, restando-lhe, na mais perfeita solidão, a visão magnífica, do alto da árvore, da vida dos seus soldados dispersos no bosque, conseguindo por vezes distingui-los lá do alto «chamar verbalmente pelos seus nomes». Quantas vezes não imaginamos, ou desejamos mesmo, a ideia de Deus nos poder tratar pelo próprio nome, ou noutras tantas vezes em forma de revolta ou solidão injustificada não avistamos ninguém ao cimo da árvore, ao cimo do mundo? Mas, esta história tem mais, tem a possível solidão de Deus, pelo menos daquele que habita o pensamento dos Homens em formas múltiplas.

Um livro com uma contemporaneidade notável, não só no conteúdo dos temas mas também na sua forma. Um exemplo claro de que os bons livros e a literatura que deve constituir o nosso tempo derivam de um trabalho exaustivo, de uma dedicação sem limites e só então de uma inspiração que se circunscreverá ao que se aprende com a vida e ao que nos fascina no acto de escrever. Sem talento e sem trabalho não seria possível estarmos perante uma obra com estes contornos de racionalidade, de pensamento e de universalidade. Sendo este um primeiro livro, no domínio do romance, o seu autor, além de credor de uma merecida admiração, está comprometido a partir de hoje com os seus leitores a sustentar na sua escrita um patamar de qualidade e exigência que fará de si um dos nomes que o nosso tempo certamente guardará.

«Seres de Rã» foi dos livros que maior prazer me proporcionou durante a leitura, pelo requinte literário, pela sua beleza mas sobretudo pelo que abre e desafia, pelo que quer saber de cada um de nós. Estamos perante um livro vivo, um livro como se fosse gente, um livro para se viver lado a lado, para mudarmos e envelhecermos com ele, um livro que nos faz repensar o próprio ser, o que só acontece com aqueles que são os nossos livros, numa palavra, os livros da nossa vida.